



O BICENTENÁRIO de Campinas. O Estado de São Paulo, São Paulo,
05 set., 1939.

Colaboração
20/11/39
**O bi-centenario de
Campinas 5^a 9.39**

A região de Campinas, antes de ser povoada, foi longamente palmilhada pelos que, sahindo de São Paulo, procuravam as minas auríferas de Goyaz. Todo o roteiro que liga os numerosos centros, pelo valle do Mogy Guassu', foi detidamente explorado pelos bandeirantes, mas nenhum houve que se interessasse por aquella zona, a ponto de construir casa, abrir cultura e viver por alli. Os homens passavam, descansavam, encantavam-se das campinas, e no dia seguinte amanheciam de bagagens arrumadas, como se o pouso nada fosse além de um simples incidente na jornada.

O Estado
As jazidas, porém, como os homens, também se cansam. Goyaz, como Cuyabá e Minas Geraes, um dia perdeu a produção e esgotou-se. As populações aventureiras, numerosíssimas, sentindo afrouxar o unico elo que as ligava ao solo, regressaram daquellas distancias. As povoações e garimpos estiolaram-se no abandono...

A época das minerações, que despovoara a capitania de S. Paulo, terminara.

Só então os homens começaram a achar graça naquellas campinas amenas, a noroeste de S. Paulo, algumas leguas depois de Jundiáhy.

Sem velos de ouro, sem pedras preciosas, a terra aqui nada podia offerecer de facil aos aventureiros além da sua privilegiada fertilidade e rapidez de communicações.

Ensalaram-se a pecuaria e a agricultura, num meio geographico propicio a ambas as actividades. Venceu a agricultura, mais acessivel ao pobre e sobretudo mais rendosa.

Cerca de 1770 cortaram-se as primeiras cannas com animadora produção. Os habitantes redobram o trabalho no trato do solo uberimo. Caiu a lenda de que a canna de assucar só produzia compensadoramente nos arredores de Itu'.

Casas de pau a pique e telha van foram surgindo desordenadas, desalinhadas, á margem dos caminhos irreguletos, á medida que o producto se alastrava. Rasgaram-se cercados e roças. Construíram-se moendas e alambiques...

A povoação ia em tanto progresso que já sentia necessidade de uma igreja.

Da um velho aforisma, que os pedidos do espirito costumam vir depois que a despensa se encheu; em Campinas, porém, á primeira vista parece que essa regra falhou. Assim, relatando petição dos campineiros, que desejavam igreja e padre, o vigário de Jundiáhy in-

formou: — "Com escriptura de doação de bens de raiz que rendam ao menos seis mil réis annualmente para reparação e fabrica da capella, que intentam, tornem... etc."

Não conta o "Almanaque de Campinas", de 1900, de onde tiramos estas notas, se voltaram ou não os supplicantes, com petição e escriptura, ao julgamento do prudente vigário de Jundiáhy. Affirma apenas que o arrajal teve parochia — Frei Antonio de Padua — o qual, depois de benzer o novo templo, nelle celebrou a primeira missa á 17 de Julho de 1773.

Azevedo Marques refere que nessa época a freguezia se arrimava em 357 moradores, reunidos em 61 fogos. Sessenta e uma casas formam bem um nucleo elaborado de uma grande cidade.

As moradias se agrupavam na hoje chamada "Campinas Velha", de pouco progresso, ao redor do bosque denominado Mato Grosso, cuja área foi doada em 1799 por Francisco Barreto Leme, para patrimonio da povoação.

Por provisão de Novembro de 1797, do governador Castro Mendonça, a freguezia de Campinas foi elevada a villa, com o nome de S. Carlos, em homenagem a d. Carlota Joaquina, por aquelle tempo ainda longe de pensar que ainda residiria no Brasil, na companhia do seu real marido, D. João VI.

São esses os traços mais salientes da chronica campineira, no periodo que vai da fundação até o final do seculo XVIII, e de que tentamos dar um pequeno resumo.